

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BAIRRO DE JARDIM DA PENHA DA CIDADE DE VITÓRIA-ES PARA SEUS MORADORES

Priscila Silva de Oliveira¹

Maria Cristina Smith Menandro²

Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho³

Luiz Gustavo Silva Souza⁴

RESUMO: Esta pesquisa objetivou investigar e analisar as representações sócio-espaciais do bairro de Jardim da Penha da cidade de Vitória-ES para seus moradores. A fundamentação teórica basilar foi a Teoria das Representações Sociais de S. Moscovici, a partir da qual se derivou a concepção trabalhada por D. Jodelet e S. Milgram sobre as representações do espaço socialmente elaboradas. Participaram deste estudo cinco habitantes que moram em Jardim da Penha há pelo menos dez anos, sendo esse tempo de residência no bairro o único critério adotado para a seleção de participantes. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista em profundidade, realizada com base em um roteiro dividido em três partes: perguntas sócio-demográficas, questionário de termos de associação livre e questões abertas semi-estruturadas. Os dados coletados foram tratados com análise de conteúdo temática. Os resultados apontam que as representações sociais desse espaço se caracterizam pelo pertencimento, contrastes (relativos às experiências urbanas e ao território político e

¹ Priscila Silva de Oliveira: Doutoranda em Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Professora da Faculdade Brasileira de Ensino Pesquisa e Extensão SA – MULTIVIX Vitória. priscilapso@hotmail.com

² Maria Cristina Smith Menandro: Doutora em Psicologia – UFES, Professora do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. cristinasmithmenandro@gmail.com

³ Sabine Mantuan dos Santos Coutinho: Doutora em Psicologia – UFES, Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Polo de Campos dos Goytacazes, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. sabrinems@hotmail.com

⁴ Luiz Gustavo Silva Souza: Doutor em Psicologia – UFES, Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Polo de Campos dos Goytacazes. souzaluz@id.uff.br

administrativo), insegurança e agradabilidade. Identificou-se uma representação social do referido bairro como um "lugar agradável e atraente", que funciona na manutenção da identidade grupal dos moradores, e que se ancora nas memórias da história do bairro. A análise da dimensão afetiva permitiu verificar que os participantes, guiados por um afeto positivo em relação ao bairro, compartilham e constroem simbolismos associados ao sentimento de pertença ao grupo de moradores de Jardim da Penha.

Palavras-chaves: Representação Social, Representação Sócio-espacial, Identidade Social Urbana

SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE GARDEN NEIGHBORHOOD OF THE CITY OF VITÓRIA-ES FOR THIS RESIDENTS

Abstract: This research aimed to investigate and analyze the socio-spatial representations of the neighborhood of Jardim da Penha in the city of Vitória-ES for its residents. The basic theoretical foundation was the theory of Social Representations of Serge Moscovici, from which the conception worked out by Jodelet and Stanley Milgram on the social representations of the space elaborated. Five people living in Jardim da Penha for at least ten years participated in this study, and this residence time in the neighborhood was the only criterion adopted for the selection of participants. The instrument used for data collection was an in-depth interview, based on a roadmap divided into three parts: socio-demographic questions, questionnaire for terms of free association and semi-structured open questions. The data collected were treated with thematic content analysis, according to Laurence Bardin. The results show that the social representations of this space are characterized by belonging, contrasts (related to urban experiences and political and administrative territory), insecurity and pleasantness. A social representation of the neighborhood was identified as a "pleasant and attractive place", which works to maintain the group identity of the residents, and which is anchored in the memories of the neighborhood's history. The analysis of the affective dimension allowed to verify that the research group, guided by a positive affection of the neighborhood, shares and builds symbolism associated to the feeling of belonging of the residents of Jardim da Penha.

Key-words: Social Representation, Socio-spatial Representation, Urban Social Identity

Introdução

Quais os simbolismos da nossa relação com o lugar onde vivemos, com o bairro, com a

cidade em que habitamos? Entendendo que as cidades não se resumem a um conceito geográfico, mas são também símbolos da existência, produtora de sentidos heterogêneos e complexos do humano (Calvino, 2002) e das sociabilidades, tais indagações se mostram bastante pertinentes. A interação dos aspectos psicossociais e sociofísicos, na perspectiva do simbolismo do espaço, evidencia o entorno como uma dimensão da identidade dos indivíduos, de modo a, como aponta Bomfim (2009), incluir os vínculos cognitivos e afetivos no espaço construído e compartilhado. Considerando-se, portanto, que as cidades caracterizam as sociedades complexas, Milgram (2004, p. 01) questiona "quais as contribuições que a psicologia pode oferecer para entender a experiência de viver nas cidades. Que teorias são relevantes? Como podemos estender nossos conhecimentos dos aspectos psicológicos da vida em cidade através de investigação empírica"?

Tradicionalmente, a psicologia e seus diferentes campos de conhecimento não têm se debruçado sobre questões urbanas e ambientais como foco de estudo (Bomfim, 2009). Apenas recentemente é que "a noção do ambiente como uma construção social tem sido investigada em psicologia social e na psicologia ambiental, principalmente nas perspectivas psicossocial e histórico-cultural" (Bomfim, 2009, p. 163). Tentando contribuir na direção da ampliação desse tipo de estudo, esta pesquisa teve como principal objetivo investigar e analisar as representações sociais do bairro Jardim da Penha do município de Vitória-ES para seus moradores. Para tanto, parte-se do referencial da Teoria das Representações Sociais (TRS), que se apresenta como uma ferramenta conceitual de significativa relevância para desvendar um pouco mais sobre o fenômeno da vida urbana e a compreensão do cenário psicossocial, abrangendo o movimento de correspondência entre a cidade e a existência de seus moradores.

Jodelet (1982) cunhou a expressão '*representações sócio-espaciais*' para descrever representações sociais que diferentes sujeitos, individual (habitantes) e socialmente (atores sociais), desenvolvem em referência a espaços urbanos em várias escalas, desde a área da casa a territórios que incluem bairros, cidades, estados, países ou o mundo. Sob a ótica sócio-espacial, ressalta-se a função da memória na elaboração da identidade e das identificações urbanas.

Em meados dos anos setenta, Stanley Milgram e Denise Jodelet realizaram o estudo da representação sócio-espacial de Paris, construindo uma linha de investigação, cujas contribuições para a Teoria das Representações Sociais têm, até a atualidade, abrangências de consideráveis relevâncias nos estudos sobre as cidades. Para Moscovici (2013, p. 98), esse trabalho de Jodelet e Milgram evidencia que "o espaço urbano, ou a matéria-prima do dia a dia,

é totalmente determinado pelas representações e não é, de nenhum modo, tão artificial como estamos acostumados a crer".

No Brasil, há também alguns estudos que se desdobraram dessa vertente sócio-espacial buscando conhecer melhor como os indivíduos representam seu próprio território. Visando citar apenas alguns deles, vale mencionar que Bomfim (2003, 2005, 2008, 2009) tem pesquisado a categoria da afetividade e sua abrangência na cidade e no mundo rural como aspecto de conhecimento, percepção e de orientação do espaço na superação de dicotomias, promovendo a reflexão sobre a possibilidade de desenvolvimento de uma racionalidade ético-afetiva (Sawaia, 1995 citado por Bomfim, 2009). A autora apresenta uma preocupação sobre a articulação cidade e afetividade como eixo orientador na Psicologia Social e na Psicologia Ambiental.

Em uma pesquisa sobre o elemento simbólico das representações cognitivas individuais que os moradores de diversos bairros da cidade do Recife possuem de seus bairros, Monteiro (1995) aponta que o estudo sobre espaços da cidade possibilita conhecer como as pessoas entendem a estrutura social da cidade, permitindo relacioná-los a conceitos como identidade, atitudes e comportamentos perante a estes lugares.

O elemento mais básico na representação social da cidade é o bairro. O conceito de bairro reflete de modo geral a maneira de como organizamos o conhecimento da vida e da estrutura social: há bairros que são tanto bons como maus, são lugares da moda ou indesejáveis e sempre possuem conotações de algo econômico, étnico ou da característica racial de seus habitantes. De uma simples ideia de localização espacial o conceito de bairro vem embutido com propriedades derivadas de ideias fundamentais na hierarquia social (Milgram, 1984 citado por Monteiro, 1995, p. 908).

Mourão e Bomfim (2011, p. 225), no que diz respeito à origem e formação da identidade social urbana, apontam que "é importante reconhecer que a partir da apropriação do espaço (identificação e ação-transformação) que os indivíduos têm a capacidade de criar e perceber significados simbólicos do espaço e incorporá-los à sua identidade". Para os autores, o que se denomina aqui de identidade social urbana refere-se à uma "subestrutura da identidade social espacial que resulta do sentido de pertencer a uma categoria urbana (área, bairro, cidade), determinando a atribuição de comportamento, valores e emoções comuns ao grupo que os compartilha e que vêm a ser fruto da inserção simbólica entre eles" (Mourão & Bomfim, p.217).

Com foco no estado do Espírito Santo, contexto mais amplo em que este trabalho se situa, destaca-se o estudo de Souza, Ciscon-Evangelista, Bertollo-Nardi, Bonomo e Barbosa, (2012) intitulado "*Representação social de capixaba: identidade em processo*". Neste, as autoras abordaram a relação indivíduo-território de moradores da região metropolitana da

Grande Vitória, no Estado do Espírito Santo, e destacaram que “por ser recente a história de construção de uma identidade capixaba, [...] parece oportuno o desenvolvimento de outras pesquisas com o objetivo de aprofundar o estudo desse processo e de melhor conhecer as representações sociais sobre o estado e do seu povo” (p. 470).

O presente estudo pretendeu focar sua discussão sobre a dimensão urbana da cidade de Vitória a partir de um de seus bairros, Jardim da Penha, o que se deve ao fato de que a trajetória de tal bairro “se insere no período eminentemente metropolitano da cidade de Vitória. [...] O lastro de Jardim revela-se em sua face urbana, em seu pleno entrelaçamento com o advento da modernidade em Vitória” (Curry, 2001, p. 04). Portanto, o bairro de Jardim da Penha, hoje predominantemente urbano, foi e tem sido palco de um cenário de transformações históricas, culturais, sociais e econômicas.

A Cidade de Vitória-Es e a História do Bairro de Jardim Da Penha

Vitória, capital do Espírito Santo, é o centro da Região Metropolitana da Grande Vitória, que congrega mais seis municípios - Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Vila Velha e Viana. Segundo informações do *site* oficial da Prefeitura Municipal de Vitória, a capital possui 327.801 habitantes e, vale lembrar que, Vitória é uma das primeiras cidades do Brasil, fundada oficialmente em 8 de setembro de 1551. Passou a se chamar por esse nome devido à vitória dos portugueses na acirrada batalha contra os índios Goitacazes, que nomearam o local de Ilha de Vitória. “Os índios chamavam a Ilha de Vitória de Guanaaní ou ‘Ilha do Mel’ pela beleza de sua geografia e amenidade do clima” (Prefeitura Municipal de Vitória, s.d.). Os moradores da capital foram inicialmente chamados de capixaba.

Segundo Tallon (1999, citado por Souza et al., 2012), o Espírito Santo foi considerado, no período colonial, como território de obstáculo às tentativas de se chegar a aurífera região de Minas Gerais. Devido a esse fato, o Estado do Espírito Santo ficou despovoado e manteve suas florestas intactas por muito tempo. Sobre esse processo histórico, pode-se inferir que o desenvolvimento urbano e cultural dos capixabas se deu mais tardiamente que em outros estados da região sudeste do país.

O primeiro bairro a se desenvolver em Vitória foi o de Santo Antônio. Inserido no período predominantemente metropolitano da cidade de Vitória, o crescimento do bairro de Jardim da Penha contextualiza-se no auge da mudança do setor imobiliário do Centro para a região norte da ilha. Suas raízes, portanto, são de muito pouco contato com a cidade colonial. “A Universidade Federal do Espírito Santo foi pioneira, junto com os armazéns de café [o Instituto Brasileiro de Café] e outros grãos, espalhados ao longo da Avenida Fernando Ferrari.

Dali em direção ao mar, um deserto de verde" (Curry, 2001, p. 07). E essa é a origem do nome do bairro. "Era da Penha, a Nossa Senhora dos capixabas, aquele jardim feito de cajueiros, goiabeiras, araçás, aroeiras, palmerinhas e até bromélias e orquídeas, entre piscinas de areia" (Curry, 2001, p. 07). E assim, o nome ficou "Jardim da Penha".

Em seu livro "*Jardim da Penha*", Andréia Curry (2001) descreve a história do bairro e seu texto compôs um dos volumes da coleção Elmo Elton chamada "Relatos sobre a história de bairros da cidade", material que foi produzido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Vitória. Nesse texto, encontram-se breves relatos sobre o loteamento do bairro e as 106 primeiras casas construídas; sobre as famílias que para lá mudaram nas décadas de 1960 e 1970; sobre a formação da Associação dos Moradores, em 1984; sobre a história dos bares e botecos considerados pontos de encontro, como por exemplo, o "bar dos coroas", ainda hoje, tão conhecido em Jardim da Penha; dentre outras memórias sobre o passado do bairro.

É este cenário em que as memórias das primeiras 106 famílias se misturam a muitas outras memórias vividas mais recentemente que se buscou conhecer, na presente investigação, como habitantes de Jardim da Penha representam sua região e o processo de identificação social urbana dos moradores do bairro.

Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica-conceitual dessa pesquisa, como já mencionado, centra-se na perspectiva psicossociológica da TRS, inaugurada por Moscovici, na década de 1960. Moscovici, na época, apontou a existência de dois sistemas fundamentais operantes na construção da realidade social: o universo reificado e o universo consensual. No primeiro, procura-se verdades, no segundo, buscam-se sentidos (Moscovici, 2013). O saber produzido pelo senso comum (o conhecimento popular) envolve uma apropriação dos saberes produzidos e transmitidos no âmbito das instituições científicas, governamentais, jurídicas e midiáticas (Sá, 1993), constituindo sistemas de pensamento e de práticas que demarcam aspectos informais da realidade, com os conhecimentos construídos por pessoas e grupos em sua dinâmica de interação e comunicação, podendo integrar elementos do universo reificado (Moscovici, 2013). É com foco nesse tipo de saber (o consensual), menosprezado até então, que Moscovici vai construir sua obra.

Essa "grande teoria", modo como a TRS é denominada por diversos autores (Sá, 1998; Vala & Möller, 1996; Trindade, 2011), desdobrou-se em diversas maneiras de se focar e investigar as representações sociais, cada uma delas com um aporte particular para o desenvolvimento da teoria.

O conceito de representações sociais, conforme diz Trindade (2011, p. 103), "constitui-se no 'grande conceito' de base que desembocou na formulação de uma 'grande teoria' no âmbito da psicologia social, ao incluir e articular conceitos estudados, até então e em sua [...] maioria, de forma esparsa".

E o que são as representações sociais? Almeida (2005, p. 122), ao citar o *Grand Dictionnaire de la Psychologie*, apresenta a clássica definição de representações sociais elaborada por Jodelet, em 1991:

Trata-se de uma forma de conhecimento corrente, dito 'senso comum', caracterizado pelas seguintes propriedades: 1. Socialmente elaborado e partilhado; 2. Tem uma orientação prática de organização, de domínio do meio (material, social, ideal) e de orientação das condutas e da comunicação; 3. Participa do estabelecimento de uma visão de realidade comum a um dado conjunto social (grupo, classe, etc) ou cultural.

Dois processos fundamentais na formação de uma representação social foram conceituados por Moscovici: a ancoragem e a objetivação. Estes encontram-se na base da construção da representação social e "funcionam como processos simultaneamente sociais e psicológicos" (Souza, 2012, p.133).

A ancoragem "é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada" (Moscovici, 2013, p. 61). Quando um objeto ou ideia é comparado a uma categoria pré-existente, a uma experiência ou código anteriores, "adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela. [...]. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa" (Moscovici, 2013, p. 61) que não havia ainda sido codificada, por ser nova e, portanto, estranha. Nas palavras de Trindade (2011), a ancoragem corresponde "à assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos, e que lhe estão facilmente disponíveis na memória" (p.110). Portanto, ancorar refere-se a escolher sistemas de classificação ou de nomeação presentes na memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com alguém ou alguma coisa que se classifica.

Já a objetivação "é um processo muito mais atuante que a ancoragem [...]. Objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. [...]. Transforma a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra" (Moscovici, 2013, p. 71). Conforme descreve Trindade (2011), "torna concreto aquilo que é abstrato. Transforma um conceito em imagem de uma coisa" (p. 109). A objetivação é um processo de seleção, organização e naturalização das ideias e imagens, transformando um conceito abstrato em uma figura concreta.

Outro aspecto relacionado às representações sociais que merece ser ressaltado nesta pesquisa é sua dimensão afetiva. Os afetos compõem a integração do indivíduo com a realidade coletiva, não sendo, portanto, uma experiência apenas do âmbito individual. Bonomo (2010) destaca que a dimensão afetiva ainda se apresenta como um grande desafio para os pesquisadores da área. Ao citar Campos e Rouquette (2003), a autora sugere que "esta dificuldade decorre da ausência de uma teoria da afetividade que possa ser associada ao campo sócio-cognitivo, amplamente explorado na esfera dos estudos em representações sociais" (Bonomo, 2010, p. 233-234).

Para Arruda (2009a), as representações exercem algumas funções afetivas: organizam o universo, controlando a angústia frente ao não-familiar; estabelecem padrões afetivos compartilhados, sentimentos e emoções comuns frente aos objetos; fortalecem o sentimento de pertença a grupos, importante componente da identidade social. Sendo assim, a dimensão afetiva compreende uma forma de conhecimento e de envolvimento com o objeto. Desse modo, sob a ótica da dimensão afetiva poderíamos "retomar processos clássicos da construção das representações" (Arruda, 2009a, p. 93).

Articulando o referencial teórico com os objetivos do presente estudo, cabe dizer que as representações espaciais são abordadas, aqui, como representações sociais, ou seja, como imagens e conhecimentos sobre o espaço elaborados socialmente em função do sistema histórico-cultural e normativo, que ajudam os indivíduos a compreender e a dominar seu ambiente. Alba (2004) atenta para o fato de que essa teoria da representação sócio-espacial concorda com a perspectiva transacional do estudo do indivíduo-ambiente, pois intervém na dimensão social desta relação (indivíduo e espaço) e estabelece que não há separação entre o sujeito e o mundo exterior. Postula que o objeto somente tem existência através da (re)construção que o sujeito ou o grupo fazem dele. Portanto, condiz com um dos pressupostos básicos da TRS que é a superação da clássica dicotomia entre sujeito-objeto. Moscovici (1961, p. 9) sugere que "não há ruptura entre o universo exterior e o universo interno do indivíduo (ou do grupo). Sujeito e objeto não são, no fundo, distintos".

Método

Participaram dessa pesquisa qualitativa cinco habitantes que moravam no bairro de Jardim da Penha, em Vitória-ES, há pelo menos 10 anos. Esse foi o único critério adotado para constituir o grupo de participantes. O pequeno número de participantes justifica-se pela quantidade e complexidade das informações obtidas com cada participante, o que condiz com a característica da abordagem qualitativa de conhecer e compreender determinado fenômeno

em seus diversos aspectos.

Sobre a pesquisa qualitativa, conforme salienta Gaskell (2014), o objetivo não envolve "contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro das opiniões, diferentes representações sobre o assunto em questão" (p.68). Desse modo, entende-se que um grande número de entrevistas "não garante, necessariamente, maior qualidade à pesquisa" (Coutinho & Menandro, 2009, p. 69), pois "representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas de um meio social específico são compartilhadas" (Gaskell, 2014, p.71).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista em profundidade, realizada com base em um roteiro dividido em três partes: a primeira, referente às questões sócio-demográficas; a segunda, com a aplicação da técnica da associação livre de palavras a partir dos termos: *morador de Jardim da Penha é; morador de Jardim da Penha faz; morador de outro bairro é; antigamente Jardim da Penha era, hoje Jardim da Penha é;* e a terceira composta de questões abertas que versavam sobre os elementos descritivos do bairro e dos moradores, elementos visuais e materiais do bairro, elementos sociais e de interação e elementos de gosto e preferência. Essa terceira parte do instrumento foi elaborada, no presente estudo, de maneira bastante semelhante ao que Lucas Brasil Pereira (2011) fez em uma pesquisa intitulada "Representações Sociais de Brasília" e que muito se aproxima ao trabalho desenvolvido por Martha de Alba sobre a Cidade do México.

Os participantes foram encontrados a partir de contatos pessoais da primeira autora e de pessoas próximas. O agendamento das entrevistas ocorreu conforme a disponibilidade das participantes e foram realizadas nos locais de maior conveniência para elas. Antes do início da coleta de dados, realizou-se a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todas as recomendações para ética em pesquisa com seres humanos foram respeitadas (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde).

Para organização e análise dos resultados, foi utilizada a proposta da Análise de Conteúdo de Bardin (1979), especificamente a análise categorial temática, na qual o conceito central é o "tema". Tal técnica, "consiste em descobrir os '*núcleos de sentido*' que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido" (Bardin, 1979, p.105).

Menandro e Nascimento (2006) sistematizaram as etapas a serem seguidas na Análise de Conteúdo, e as mesmas foram aqui adotadas:

- 1 - Primeira leitura do corpus. Anotação de impressões gerais sobre possíveis elementos recorrentes nas informações coletadas;
- 2 - Segunda leitura. Pré-categorização. Contagem parcial dos elementos identificados na primeira

leitura, visando confirmação ou não de categorias gerais e identificação de possíveis novas categorias; 3 - Terceira leitura. Construção de grades de categorias contendo tema geral, palavras e frases relacionadas a esse tema; 4 - Agrupamento de elementos (palavras ou frases) da categoria geral em subcategorias; 5 - Contagem da frequência final dos elementos nas subcategorias e nas categorias gerais (p. 80).

Resultados e Discussão

Caracterização dos Participantes

Para fins de descrição, os habitantes entrevistados foram identificados pela letra M (de Morador) seguido de numeral de 1 a 5. Tal identificação é fictícia e os números foram adotados aleatoriamente, não atendendo a nenhum critério de ordem específica. A Tabela 1 traz os dados gerais sobre cada participante.

Tabela 1 – Dados gerais dos participantes

Moradores do Bairro de JP	Sexo	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Renda Familiar	Religião, Doutrina ou Crença	Há quanto tempo reside no bairro de JP	Já residiu em outros bairros / Cidades
M1	Fem	77 anos	Ensino Médio Incompleto	Viúva	R\$ 6.500,00	Católica Praticante	44 anos	Sim. Bairro de Nazaré / João Neiva-ES e Vila Velha-ES
M2	Fem	72 anos	Ensino Médio Completo	Divorciada	R\$ 3.500,00	Não respondeu	13 anos	Não residiu em outros bairros em Vitória. Mas residiu em outra cidade: Rio de Janeiro-RJ
M3	Fem	23 anos	Superior Completo	Solteira	R\$ 3.500,00	Espiritualizada, mas sem religião	20 anos	Não residiu em outros bairros em Vitória. Mas residiu em outra cidade: Serra-ES
M4	Fem	26 anos	Superior Incompleto	Solteira	R\$ 6.000,00	Agnóstica	23 anos	Não residiu em outros bairros em Vitória. Mas residiu em outra cidade: Rio de Janeiro-RJ
M5	Fem	37 anos	Pós-Graduada	Casada	R\$ 14.000,00	Católica	17 anos	Sim. Não residiu em outros bairros em Vitória. Mas residiu em outras cidades: Cachoeiro de Itapemirim-ES e Cariacica

Conforme se pode notar, todas as participantes são do sexo feminino e podem ser consideradas de classe média. As idades variaram de 23 a 77 anos. O nível de escolaridade foi desde o ensino médio incompleto à pós-graduação. Quanto ao estado civil, havia pessoas viúvas, solteiras, casadas e divorciadas. Quanto à religião ou crença, nomearam-se católicas, agnóstica e sem denominação religiosa. Com relação ao tempo de residência no bairro, o maior tempo foi de 44 anos e o menor tempo, de 13 anos. Todas as participantes residiram, em algum

momento da vida passada, em outra cidade.

Análise Temática

A partir da apropriação dos sentidos expressos no *corpus* e do procedimento de análise, o conteúdo foi subdividido em categorias cujos temas expressam as representações sociais do bairro de Jardim da Penha e lhes conferem sentido, permitindo compreender o processo de identificação social urbana dos moradores.

Foram definidas as mesmas categorias utilizadas nas pesquisas realizadas por outros autores (Bomfim, 2005b; Ferreira 2006; Ferreira & Bomfim, 2009): *pertencimento, contrastes, insegurança e agradabilidade*. No entanto, seus significados foram sutilmente modificados para melhor representarem as falas das entrevistadas, que indicaram os *núcleos de sentido* encontrados no *corpus* de análise.

Pertencimento

A categoria *pertencimento* representa os afetos positivos como amor, fidelidade ao bairro, amizade, alegria, felicidade. Sentimentos de apego ao lugar e um vínculo e companheirismo entre as pessoas. Vale destacar que o presente estudo não objetivou estabelecer uma análise tipológica que realize a distinção entre afeto, sentimento e emoção. O interesse foi dirigido às manifestações das dimensões do sentir em conjunto, como categorias de um mesmo fenômeno (Leite, 1999 citado por Bonomo, 2010). "O vínculo com o próprio espaço e a valorização do modo de vida a ele associado se traduzem em um campo afetivo [...] dotado de significação positiva (gosto, me sinto alegre/feliz)" (Bonomo, 2010, p. 240). Ressalta-se que as representações sociais são construídas pela mobilização da afetividade, do imaginário, da cognição, da linguagem e da comunicação e configuram-se "por meio de processos que, sendo sociais, são ao mesmo tempo psicológicos, [...] tal como consideram Moscovici e Jodelet" (Arruda, 2009b, p. 742). Nesse sentido, o afeto é uma categoria de mediação subjetiva e objetiva da cidade, sendo um dos elementos que orienta o sistema de referência de práticas sociais, como pode ser identificado na fala de quatro moradoras:

Um dos melhores bairros de se viver [...] Eu descrevo o bairro como sendo a minha casa, uma cidade amiga [...] eu me acho uma felizarda [...] eu adoro falar de Jardim da Penha porque eu vivi a minha vida aqui [...] os moradores são pessoas amigas, são maravilhosos [...] O que mais chama a atenção no bairro é a fidelidade das pessoas. (M1)

Um bairro simpático, que dá conforto, alegre, bom de se viver, que facilita as amizades [...] Eu acho Jardim da Penha alegre, de gente comunicativa [...] As pessoas são maravilhosas, são muito simpáticas e amorosas. (M2)

O morador de Jardim da penha é fiel ao bairro [...]. Acho legal que a maioria das pessoas morou aqui a vida inteira. (M4)

É um bairro que eu gosto de viver. Estou satisfeita com ele. (M5)

É possível observar um sentimento de apego (Giuliani, 2004 citado por Bomfim, 2009) ao lugar, convergindo na elaboração de vínculos e companheirismo entre os moradores do referido bairro. Por esses resultados encontrados, podemos refletir que o sentimento coletivo de pertencimento ativa as relações afetivas, fortalecendo as interações sociais do grupo.

Ao questionar sobre a existência de um campo afetivo compartilhado pelos membros do grupo rural vinculado aos objetos de representação social de cidade e rural, Bonomo (2010), aponta uma reflexão pertinente sobre a expressão "conhecer através do sentir" (Moscovici, 2008 citado por Bonomo, 2010, p. 243): "comunicamos nossas experiências afetivas para nos informar a respeito de um mundo que compartilhamos" (Bonomo, 2010, p.243). A autora cita o estudo realizado por Macedo, Oliveira, Günther, Alves e Nóbrega (2008), referente ao afeto pelos lugares. Tal estudo sobre a mediação afetiva para o estabelecimento dos vínculos com o território, sugere que "a história de vida do indivíduo, as suas interações com o ambiente, a qualidade dessas interações e o afeto a elas relacionado influenciam na configuração de um ambiente como preferido ou evitado" (p. 448).

Portanto, a análise do *coprus* sugere que a elaboração de uma realidade compartilhada pelos moradores apresenta uma dimensão afetiva positiva em relação ao bairro que orienta a interação entre os moradores (o grupo) e o bairro (território). Jardim da Penha objetivado como "um dos melhores lugares para se viver, cidade amiga, simpático, alegre" converge em um sistema de referências de práticas sociais construídas nesse espaço urbano. A atribuição de significados positivos ou a valorização do grupo de pertencimento é uma estratégia basilar à construção da identidade social (Hogg & Abrams, 1999 citado por Souza et al. 2012). Os elementos que compõem a elaboração dessa identidade social do bairro de Jardim da Penha são "frutos do investimento de diversos veículos de comunicação na transmissão e no fortalecimento de significados socialmente compartilhados, a fim de torná-la objetivada nas práticas sociais cotidianas" (Souza et al. 2012, p. 468). Com essa abordagem analítica, torna-se possível refletir que os moradores, guiados por essa dimensão afetiva positiva do bairro, compartilham e constroem simbolismos associados ao sentimento de pertença de "moradores de Jardim da Penha". Esse seria um possível "caminho analítico para discutir a relação entre o campo representacional, vinculado ao território, e o processo de identificação em jogo na dinâmica social local" (Souza et al. 2012, p. 469).

Contrastes

A categoria *contrastes* refere-se aos sentimentos e emoções paradoxais, de polaridades positivas e negativas. Representa qualidades boas e ruins no bairro, tais como: satisfação/incômodos, amor/medo, felicidade/insegurança, grande/pequeno, com lazer/falta grande área de lazer, fácil de localizar/perde-se nas praças, bem cuidado/muito lixo, tem muita árvore/cortam as árvores, pode-se fazer tudo a pé no bairro/ muitos carros em circulação. Para Moscovici (2013, p. 63), "categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele". Ao citar a pesquisa de Jodelet '*Folies et représentations sociales*', o autor diz que "embora os aldeões fossem uniformes com respeito à classificação geral dos doentes mentais que viviam na aldeia, eles se mostravam bem mais discordantes em sua opinião no referente à semelhança de cada um dos pacientes" (p.63). Os contrastes entre os significados que retratam o bairro revelam uma dinâmica de polarização temática que é uma dialética característica na concreticidade das relações sociais. "No entanto, tais significados guardam profunda relação de interdependência no que se refere ao campo simbólico" (Bonomo, 2010, p. 250), visto que a representação social "é formada a partir de um esquema funcional fundado sobre antinomias, entretidas pela relação dialética de oscilação entre tensão e integração de teses opostas" (Lima, 2007, p. 05 citado por Bonomo, 2010, p. 250).

Ao serem perguntados sobre o que mais gostam e menos gostam em Jardim da Penha, os moradores apontaram os problemas no bairro, bem como, contrapuseram, com ênfase, suas qualidades, conforme descrito abaixo nos trechos das entrevistas das cinco moradoras:

O morador de Jardim da Penha é feliz, apesar de ter falta de segurança [...] Eu descrevo Jardim da Penha como um dos melhores bairros de se viver, apesar da falta de segurança, mas ainda assim, eu acho um dos melhores bairros para se morar [...] a facilidade que a gente tem de andar a pé aqui é muito grande [...] Eu acho que o que não é bom aqui é a velocidade com que os carros passam nas ruas [...] a rua Natalina Carneiro, que é essa rua aí, é uma pista de velocidade. Então sempre tem acidente, sempre tem gente atropelando ciclista. Eu tenho pavor disso [...] Nós temos muitas faixas de pedestres, nós temos tudo isso, mas falta mais coisa, falta segurança. [...] Eu melhoraria a iluminação pública, a poda das árvores e a segurança do bairro. [...] é um Jardim, tem muita árvore [...] E outra coisa, eu colocaria mais sinalização. [...] Nós temos a Pedra da Cebola, o SESI e as praças, [mas] o que falta aqui é uma grande área de lazer. Uma área grande porque, é um bairro assim, grande, mas pequeno. (M1)

O que mais chama atenção no bairro são as benditas rotatórias, é bom ou ruim [...] eu vou a um lugar, então eu vou entrar nessa rua que vai sair, mais ou menos, perto. Aí você sai em um lugar totalmente diferente porque fica perdida. [...] Mas o que eu

acho estranho é que tudo termina numa pracinha [...] O que eu acho bonito é que todas as praças chamam a atenção [...] são muito floridas e cuidadas. (M2)

O que eu mais gosto no bairro é a proximidade com a Universidade. [...] Jardim da Penha é barulhento e precisa de mais ciclovias [referência ao meio de transporte mais utilizado no bairro]. (M3)

Lixo, isso me incomoda muito. Ultimamente tem muito lixo em Jardim da Penha [...] cortaram muitas árvores de Jardim da Penha que era uma coisa que eu acho que identificava o bairro. Tinha muita árvore aqui. Árvore grande, árvore antiga, que dava uma cara assim para o bairro muito específica. [...] Eles não conseguem arrancar porque a raiz é muito grande então [...] isso me irrita, porque quebra as calçadas. [...] Muito mendigo também, muito flanelinha. Então isso me incomoda um pouco. (M4)

Jardim da Penha passa também uma questão de segurança e insegurança. [...] É um bairro bem cuidado, entre aspas [...] Tem muitas pracinhas e isso me chama a atenção. É como se as pracinhas fossem lindas assim [...] mas no início a gente se confundia [quanto ao traçado urbano] com esse tipo de organização, hoje em dia eu já não me confundo. [...] O que eu mais gosto é essa possibilidade de resolver tudo ali mesmo no bairro. Eu não preciso sair de Jardim da Penha. [...] Os amigos, a Universidade, os amigos de trabalho. Então, assim, atende ao que eu espero. Bairro estruturado em termos de serviço, então isso tudo faz com que eu não tenha vontade de sair dali. (M5)

Martha de Alba (2006) utiliza as categorias 'experiência urbana' e 'território político administrativo' que poderiam no presente trabalho serem consideradas como sub-categorias de *contrastes*. A primeira diz respeito à vivência da cidade, à percepção e apropriação do conjunto urbano. A segunda refere-se às dimensões políticas e governamentais, às intuições públicas e aos fatos correlatos. Seguindo o modelo de Alba (2006), a tabela 2 elenca tópicos encontrados nos trechos das falas dos moradores quanto aos aspectos positivos e negativos do bairro:

Tabela 2 – Contrastes (positivos e negativos) distribuídos nas subcategorias 'experiência urbana' e 'território político administrativo'

<i>Experiência Urbana</i>	
Positivo	Negativo
Morador Feliz	Falta de Segurança Pública
Facilidade de andar a pé (mobilidade)	Velocidade dos carros
Praças lindas (traçado urbano)	Rotatórias (traçado urbano)
Localização	Poda e corte das árvores
Bairro organizado e estruturado	Lixo
Qualidade de Vida	Barulho
Segurança Pública	Falta de Segurança Pública
Qualidade de Vida	Iluminação das Ruas
Bairro organizado e estruturado	Sinalização de Trânsito
Bairro bem cuidado	Ciclovias
	Poda e corte das árvores
	Falta de uma grande área de lazer

Território Político Administrativo

Ressalta-se que esse quadro é semelhante ao que Pereira (2011) fez no estudo sobre as representações sociais de Brasília, o qual também se baseou nos trabalhos de Martha Alba. No que tange à *experiência urbana* dos moradores, os elementos positivos são descritos, em geral, fazendo menção às percepções referentes à afetividade e à organização urbana do bairro, como: "bairro bem cuidado", "facilidade de locomoção a pé", "praças floridas e bem cuidadas", "boa localização na cidade", "bairro organizado e estruturado" e "qualidade de vida". Enquanto, uma parcela menor é associada ao âmbito de um *território político administrativo*, tais como: "segurança pública", "qualidade de vida", "bairro organizado e estruturado" e "bairro bem cuidado". Por outro lado, os fenômenos criticados (elementos negativos) na sub-categoria *experiência urbana* apontam para "falta de segurança pública", "velocidade dos carros", traçado urbano (principalmente, aqueles que não viveram sempre no bairro porque perdem-se, em termos de localização nas rotatórias), ao modo como se têm "podado e cortado as árvores", "lixo" e "barulho. Já no que diz respeito ao *território político administrativo*, descrevem os problemas para os quais consideram que deveria ocorrer intervenção política e administrativa do governo, tais como: ações de "segurança pública", de implementações quanto à "iluminação" e "sinalização de trânsito", criação de mais "ciclovias" (já que, conforme a percepção de moradoras, a bicicleta é um dos meios de transporte mais utilizados no bairro, além de andar-se muito a pé) e de uma "grande área pública de lazer" e melhorias quanto à "poda e corte das árvores".

Foi possível também observar que das cinco pessoas entrevistadas, quando questionadas sobre a mobilidade ao circular pelo bairro, ou seja, qual o meio de transporte mais utilizado, quatro delas responderam que andam a pé e uma delas respondeu que usa bicicleta. Porém, é possível notar que por se tratar de um bairro próximo à Universidade e com a presença de um número significativo de estudantes que residem nas proximidades, o aspecto referente à criação de ciclovias, solicitado principalmente pelos estudantes, coincide com as queixas da população da cidade de Vitória-ES no que concerne às problemáticas atuais de mobilidade urbana. Um dos projetos políticos do atual Prefeito da cidade, no período das campanhas eleitorais, era de criação de ciclovias. Em contraste, a reclamação sobre a velocidade e sobre o aumento do fluxo dos veículos fez-se presente nas falas das participantes desta pesquisa.

As representações dicotômicas e polarizadas parecem fundamentar o processo de socialização. Além disso, é importante destacar que as representações sociais são frutos dos

universos consensuais. Os sujeitos apropriam-se de conteúdos abstratos e eruditos de universos reificados, modificando-os, adaptando-os (Moscovici, 2013). "Ao assumir esses lugares de enunciação, os participantes falaram como pessoas que consideravam suas vivências cotidianas. Falaram sobre percepções do que acontecia de fato" (Souza, 2012, p. 471) posicionando seus discursos em um universo consensual. A posição cognitiva-discursiva do universo reificado (Souza, 2012), observada nos pólos positivos e negativos, são construídos nos lugares discursivos veiculados pelas teorizações político-administrativas e por especialistas que discutem a questão da insegurança pública, dos problemas urbanos como mobilidades, ecologia e sustentabilidade das cidades (arborização e tratamento do lixo, por exemplo). Além disso, as possíveis representações sócio-espaciais descritas nessa categorização de contrastes são ancoradas nas reminiscências de como era o bairro no passado (menos violento, mais árvores frutíferas e jardins). Desse modo, nota-se que as moradoras construíram representações baseadas nesses dois universos, nesses dois sistemas de pensamento e práticas (Souza, 2012). "Operava-se uma passagem do não-familiar, as categorias abstratas do universo reificado, ao familiar, os conhecimentos pragmáticos adotados para perceber o objeto e orientar condutas sobre ele no cotidiano" (Souza, 2012, p. 472).

Insegurança

A categoria *insegurança* é descrita pelos sentimentos e emoções, por vezes, negativos em relação ao entorno, como: violência, assaltos, mendicância e atropelamentos. Cabe observar que das cinco pessoas que participaram dessa pesquisa, apenas três relataram as problemáticas de segurança pública. Tais elementos podem ser evidenciados nos trechos abaixo transcritos de entrevistas:

Falta segurança pública no bairro. [...] Eu pretendia ter uma bicicleta, mas eu fiquei com muito medo porque eles não respeitam, principalmente, pela falta de segurança que roubam a bicicleta e depois eles passam por cima da gente mesmo e pronto. [...] E isso aí que eu acho que era Jardim da Penha. E era à vontade, não tinha perigo nenhum, não tinha. A gente vinha de madrugada pela rua, andava, era assim divino. A criançada toda se conhecia e até catava pitanga no meio dos matos. E corriam pela rua, andavam de bicicleta, então era assim um paraíso. (M1)

Jardim da Penha está muito violento, todo mundo sabe disso. Muito assalto. Muito sequestro. Então depois de certo horário você não vê ninguém na rua. Assim, muito flanelinha. Eu vejo mais policial também. Era raro você ver policial aqui andando. Hoje em dia você vê carro da polícia direto. Você vê, também, muito apartamento sendo assaltado. Então Jardim da Penha não está mais tão seguro quanto era. [...] Porque eu lembro claramente quando eu era mais nova, qualquer horário que você saísse na rua você veria gente. Dava até uma sensação de segurança maior, porque sempre tinha gente na rua. Era muita gente. Então você não ficava com tanto medo de sair dez horas da noite. Hoje em dia às dez horas da noite Jardim da Penha está

deserto. [...] Não tinha tanto flanelinha, não tinha tanto mendigo. Eu não me lembro de ver tanto mendigo assim. Hoje em dia, aqui em Jardim da Penha, tem muito. Você vê bastante mendigo aqui. Você não via tanto flanelinha assim, pivetes, esses meninos que ficam fazendo esses roubos pequenos, né? Você não via tanto. (M4)

É colocado que é um bairro que a gente tem um índice de assaltos muito grande, mas eu moro aqui faz 17 anos e nunca fui assaltada, por exemplo, na rua. É como as pessoas costumam colocar. É isso que me vem à cabeça, do bairro ser inseguro, mas por conta dos relatos não por conta da minha vivência. Eu me sinto bem. Eu me sinto segura. (M5)

Apropriando-se novamente do conceito de universo consensual de Serge Moscovici (2013), pode-se afirmar que esses discursos de insegurança pública vão muito além de simples referências objetivas à realidade ou retratos de experiências individuais. Nota-se isso no trecho transcrito da entrevista de M5, ao dizer que durante os 17 anos que reside no bairro, ela nunca foi assaltada, porém diz isso porque é um relato comum das pessoas. É possível compreender a construção dessa noção, percebida, sentida e enunciada pelos moradores, quando temos em vista o problema do medo generalizado e de uma certa produção midiática de insegurança social. Essa percepção social compartilhada constrói o universo consensual apoiado nos enunciados da mídia, na realidade experimentada, na memória e na comunicação e interação interpessoais (Pereira, 2011).

É importante também atentar para o fato de que o público alvo desse estudo é caracterizado como pertencente à classe média. Tal representação social do bairro como um lugar "inseguro" é, portanto, ancorada na posição sócio-econômica dos entrevistados e na memória da história do bairro por aqueles moradores que acompanharam o processo de urbanização local. Essa memória coletiva do bairro pode ser identificada nos discursos de M1 e M4 quando se remetem ao passado de Jardim da Penha para abordar o problema social de segurança pública; nenhuma delas descreveram ter experienciado assaltos, atropelamentos ou sequestros.

Agradabilidade

Na categoria *agradabilidade*, agrupam-se percepções sobre os atrativos do bairro: local de encontros, pracinhas, praia, comércio, lazer, escolas, igreja e Unidade Básica de Saúde. Ou seja, qualidades que tornam o bairro agradável e atraente. Tais elementos são encontrados nos seguintes trechos das cinco pessoas entrevistadas:

[...] aqui tem tudo: médico, dentista, clínica, posto de saúde, a igreja maravilhosa, colégios maravilhosos, escola pública, creches, e é um jardim, tem muita árvore e Carnaval. [...] os colégios aqui são bons e tem muitos. [...] tem a praça de alimentação dia de sexta-feira que é maravilhosa. [...] Hoje Jardim da Penha é uma

cidade grande com todos os recursos. Tudo que a gente precisa tem. Você não precisa sair daqui. [...] Aqui há o Centro de Convivência da melhor idade, que é onde as pessoas se encontram mais e o Clube 106, com a seresta que continua até hoje, dia de sexta-feira, fora os outros dias, que são alugados para forró e outras coisas... é um espaço que todo mundo conhece porque todo mundo se encontra no 106. [...] é aquela animação total! (M1)

Existe muito encontro em lugares como as pracinhas. [...] Questão de conforto e de ter um tudo dentro do Bairro: divertimento, compra, entendeu?! Então eu acho muito bom. Eu acho Jardim da Penha superconfortável. Tem de um tudo para se divertir. [...] Um bairro muito simpático. Um bairro que dá conforto. Um bairro que é bom em questão de divertimento. Um bairro que tem tudo ou quase tudo para se divertir. Tem o cinema, o teatro, salão de festa, o Clube [106], academia de dança que a gente adora, [...] as academias da Prefeitura, os barzinhos. Tem encontros também. A gente está sempre se encontrando. Eu acho que se tornou, para mim, muito alegre. Bom de se viver. (M2)

As praças [...] são espaços de integração das crianças, principalmente, e dos adolescentes. Eu vou muito nas praças para levar minha filha, quase todos os dias. E a Rua da Lama, que é uma vez por semana. [...] tem lojas de roupas e também tem grandes supermercados. Eu sou uma universitária da classe média e moradora antiga do bairro, [o que eu mais gosto no bairro é] a proximidade com a Universidade e a praia. (M3)

"O que identifica Jardim da Penha são as pracinhas. As praças de Jardim da Penha eu acho que são bem icônicas do bairro e porque tem a feira de comida. Então eu sempre vou para comer. Então para mim é bem característico de Jardim da Penha. [...] a rua da Lama também é icônico aqui em Jardim da Penha. [...] até tem a igreja [...] as pessoas ficam lá conversando. Tem a pracinha de bocha que o pessoal mais velho vai muito. Quem tem cachorro aqui, tem uma praça que eles levam. O pessoal fica sentado conversando e o cachorro fica solto. Então assim, aqui tem muito mais do que em outros bairros. (M4)

[Morador de Jardim da Penha] se diverte com as opções de lazer que a gente tem. Frequenta pracinha. Acho que valoriza o bairro também. [Hoje Jardim da Penha] é bem autossuficiente em termos de comércio, opções lazer. Isso é um atrativo. [...] Porque você encontra tudo na proximidade da sua casa, tudo que você precisar. Você não precisa ir a outro bairro, por exemplo. Você tem tudo no bairro. Um bairro que em termos de organização ele é organizado. A gente tem serviços públicos que funcionam. As pessoas aqui geralmente estão satisfeitas com a unidade de saúde, com as escolas que estão presentes no bairro. [...] A gente tem tudo. Tem acesso a tudo, supermercado e lojas dos mais variados níveis e as opções de lazer também. [...] Hoje, por conta do bebê, [frequente] algumas regiões de lazer infantil, porque a gente tem pracinhas que têm muita criança e a gente leva lá também para brincar. [...] A gente tem [também] o Shopping Jardins, [...] os bares, para as pessoas mais jovens, principalmente, as baladas. Alguns espaços para as pessoas mais idosas. Atrás da igreja, aquela Bola de Pau ali, que as pessoas vão muito. A praia também, onde as pessoas caminham e fazem exercícios. E serviços específicos que promovem isso. A gente tem aquele centro da terceira idade. A unidade de saúde tem algumas atividades também que podem ser oferecidas e as pessoas podem participar. E por ser um bairro que tem a presença de pessoas mais antigas, ou de moradores de outra geração que as mulheres também não trabalhavam, eu percebo que tem também muita opção de escolas de artesanato, que as pessoas frequentam até como uma

forma de ocupação, de terapia ocupacional. (M5)

É possível observar nesses recortes das entrevistas que os moradores de Jardim da Penha compartilham sentimentos e percepções de bem-estar em relação ao bairro e seus atrativos, enfim, qualidades que despertam o interesse dos habitantes. Nesses trechos de falas são destacados os pontos de encontro, os atrativos culturais, as instituições de ensino, de saúde e religiosas, bem como o comércio local e a localização favorável na cidade de Vitória-ES. O que aparece com maior frequência são as praças, as escolas, as igrejas, a Unidade de Saúde, o Clube 106, a Rua da Lama (como área de lazer que concentra restaurantes, bares e botecos) e as áreas limites do bairro, que fazem vizinhança com a praia e a Universidade. Enfim, as qualidades do bairro que despertam o interesse da população local levam às afirmações de que o bairro concentra tudo o que um morador precisa e é "autossuficiente", como é possível identificar nas falas de M1, M2 e M5. Jardim da Penha consolidou-se muito rapidamente como bairro, com identidades física e política definidas, criada em torno da Associação de Moradores e da Igreja Católica, e também pela sua autossuficiência (Curry, 2001).

Vale lembrar que o bairro tem uma população local que pode ser caracterizada, principalmente, por estudantes e idosos. Evidencia-se isso nas características das próprias participantes desse estudo. Por isso, as falas das entrevistadas fazem menção às intuições como a Universidade, o Centro de Convivência de Idosos e atividades e áreas de lazer voltadas para esses públicos. Um exemplo de ponto de encontro dos aposentados é a praça Aníbal Antero Martins, onde está localizada a Igreja Católica, ali há atividades como a bocha, o dominó e jogos de cartas (Curry, 2001).

É importante ainda destacar que as praças foram citadas várias vezes nos trechos de falas das entrevistadas como um elemento representativo do bairro, como é possível observar na fala de M4: "*As praças de Jardim da Penha eu acho que são bem icônicas do bairro*". Nas quatro principais praças realizam-se muitas atividades de lazer, cultura, esporte e feiras de alimentação. "*Desfiles escolares, exposições, shows, concursos e vacinação de cães, de canto de canário e até manifestações religiosas. Há também o costume dos moradores se sentarem nas praças para ler o jornal*" (Curry, 2001, p. 29). As praças também são usadas pelas crianças e por adolescentes, uma delas, a praça Wolghano Neto, é muito usada pelos adolescentes do bairro por ter uma pista de Skate.

Quanto às memórias do bairro, é possível identificá-las nos trechos de fala dos moradores, principalmente os que residiram no bairro por mais de 20 anos. As recordações de

um passado compartilhado sugerem, na história do bairro, a preocupação, desde à época de sua fundação, de construir encontros, pontos atraentes e elementos de *agradabilidade*. M1 recorda-se do Carnaval, do banho de mar à fantasia (bloco segura o copo), da fundação do Clube 106 e suas serestas e do grande jardim que identificava o bairro no passado e inspirou seu nome (o do bairro). Tais reminiscências podem ser identificadas no trecho de fala abaixo:

O grupo que chegou com o meu, nós chegamos, mais ou menos, na mesma época [década de 70], era muito animado, era muito amigo, gostava muito de seresta, gostava muito de carnaval. Então, foi fundado o bloco segura o copo, que nada mais era que um banho de mar à fantasia. As fantasias eram feitas de papel! T. foi a primeira Porta Estandarte e eu, fui o resto dos anos Porta Estandarte, por uns 30 anos ou mais, nem me lembro mais. E aí fundamos o 106. Era o Clube que aqui em Vitória não tinha. [Jardim da Penha] era um Jardim. (M1)

Desse modo, pode-se inferir uma representação social do referido espaço urbano como um "lugar agradável e atraente" que funciona na manutenção da identidade grupal dos moradores e que se ancora nas memórias da história do bairro. Os aspectos comuns referentes à categorização de *agradabilidade* sugerem também elementos culturais e históricos sobre o bairro que mobilizam práticas coletivas e promovem a integração de seus moradores.

Comentários Finais

Não se esgotaram as possibilidades de análises e reflexões que abrangem a complexidade das representações sócio-espaciais do bairro de Jardim da Penha e da identidade social urbana de seus habitantes. Os moradores do bairro de Jardim da Penha não só interagem no bairro mas formam com ele uma totalidade, na qual o território evidencia uma dimensão simbólica que não se restringe à perspectiva do indivíduo com o ambiente como um cenário. O grupo pesquisado apresenta perceptivelmente sua ligação afetiva com o bairro, formando com o lugar um sentimento de pertencimento. Esse sentimento é evidenciado pelo modo como os moradores contam suas histórias e falam do bairro. Assim, infere-se que as representações sociais desse espaço caracterizam-se pelo *pertencimento*, *contrastes* - elencados pelos critérios positivos ou negativos, relativos às "experiências urbanas" e ao "território político e administrativo" (Alba, 2006 & Pereira, 2011) -, *insegurança* e *agradabilidade* (Bomfim, 2005b; Ferreira 2006; Ferreira & Bomfim, 2009). É importante lembrar que "os indivíduos ou grupos ajustam dinamicamente as representações às suas realidades" (Santos, Novelino & Nascimento, 2003 citado por Coutinho & Menandro, 2009), construindo e reconstruindo suas relações e práticas sociais.

Destaca-se a relevância de se aprofundar o campo de estudo vinculado às representações

sócio-espaciais e à identidade social urbana e de bairro, contribuindo para a compreensão do arranjo ético-político-ideológico de ação e transformação nas/das cidades.

Referências

- Alba, M. (2004). Mapas mentales de la ciudad de México: una aproximación psicosocial al estudio de las representaciones espaciales. In *Estudios demográficos y urbanos* (pp. 115-143). n. 55. El Colegio de México. Recuperado em 21 dezembro, 2014, de <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31205503>>
- Alba, M. (2006). Experiência urbana e imagens coletivas de la Ciudad de México. In: *Estudios Demográficos y Urbanos* (pp. 663-700). v. 21, n. 3 (63). México.
- Almeida, A. M. O. (2005). A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. In M. F. Santos & L. M. Almeida (Orgs.). *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (pp. 117-160). Alagoas: UFAL/UFPE.
- Arruda, A. (2009a). Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações sociais. In A. M. O. Almeida & D. Jodelet (Orgs.), *Representações sociais – Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas* (pp. 83-102). Brasília, DF: Thesaurus.
- Arruda, A. (2009b). Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. In *Sociedade e Estado*, Brasília, 24(3), 739-766.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70, Livraria Martins Fontes (Obra original publicada em 1977).
- Bauer, G. Gaskell (Orgs.) *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som Um manual prático* (12a. ed). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Obra original publicada em 2000).
- Bomfim, Z. A. C. (2003). *Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brasil.
- Bomfim, Z. A. C. (2005). La ciudad y la escuela: una propuesta de intervención urbana por los mapas afectivos. In *Anais do IX Congresso de Psicologia Social: construindo a Europa dos povos e das culturas*. Coruña.
- Bomfim, Z. A. C. & Pol, E. U. (2005). Affective dimension of cognitive maps of Barcelona and São Paulo. In *International Journal of Psychology: environmental perception, and cognitive maps* (pp. 37-50). v. 40(1).
- Bomfim, Z. A. C. (2008). Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In Pinheiro, J. Q. & Gunther, H. (Orgs.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 253-280). São Paulo: Casa do Psicólogo/ All books.
- Bomfim, Z. A. C. (2009). Cidade e afetividade como categorias de mediação na psicologia social e na psicologia ambiental. In Bernardes, J. & Medrado, B. (Orgs.). *Psicologia*

- Social e Políticas de Existência: fronteiras e conflitos* (pp. 163-174). Maceió: Abrapso.
- Bonomo, M. (2010). Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Calvino, I. (2002). *As cidades invisíveis*. (D. Mainardi, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras (Obra original publicada em 1990).
- Coutinho, S. M. dos S. & Menandro, P. R. M. (2009). *A "dona de tudo": um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Curry, A. (2001). *Jardim da Penha*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura. (Coleção Elmo Elton; 7).
- Ferreira, K. P. M. (2006). *Ficar ou partir? Afetividade e migração de jovens do sertão semi-árido cearense*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.
- Ferreira, K. P. M. & Bomfim, Z. A. C. (2009). Quedar o partir? Afectividad y migración de jóvenes del sertão semi-árido (Ceará-Brasil). In Corraliza, J. A., Martín, R. & Berenguer, J. *Medio ambiente y comportamiento* (pp. 161-177). v. 10(1y2).
- Gaskell, G. (2014). Entrevistas individuais e grupais. In M. B. Bauer, G. Gaskell (Orgs.) *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som Um manual prático* (pp. 64-89) (12a. ed.). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Obra original publicada em 2000).
- Jodelet, D. (1982). Les représentations socio-spatiales de la ville. In Derycke (Ed). *Conceptions de l'espace*. Recherches pluridisciplinaires de l'Université Paris X (pp.145-177). Nanterre.
- Jodelet, D. (1999). Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Org.). *Les représentations sociales* (pp. 47-77). Paris: PUF.
- Menandro, P. R. M. & Nascimento, A. R. A. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. In: *Estudos e pesquisas em psicologia* (pp. 72-88). UERJ, RJ, Ano 6, n. 2.
- Menandro, P. R. M. & Nascimento, A. R. A. (2007). Análise de Conteúdo de material documental pré-existente à investigação: o caso da música popular. In M. M. P Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia* (pp. 207-224). Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia / GM Gráfica Editora.
- Milgram, S. (2004). A experiência de viver na cidade: Adaptações à sobrecarga urbana criam qualidades características à vida nas cidades que podem ser mensuradas (A. de A. Lara,

- Trad.). In *Série: Textos de Psicologia Ambiental*, n. 07. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. (Obra original publicada em 1970).
- Minayo, M. C. S. (1993). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: ABRASCO.
- Monteiro, C. M. G. (1995). Representações sociais da cidade: do imaginário ao real. In *Encontro Nacional da ANPUR - Modernidade, exclusão e a espacialidade do futuro*, 6, Anais (pp. 908-916). Brasília: ANPUR.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (2013). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra Original publicada em 2000).
- Mourão, A. R. T. & Bomfim, Z. A. C. (2011). Identidade social urbana. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.). *Temas básicos em Psicologia ambiental*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. In: *Revista Enfermagem*. Rio de Janeiro: Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ), Out/Dez, 16(4). (pp. 569-76).
- Pereira, L. B. (2011). *Representações Sociais de Brasília*. Monografia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Polit, D. F.; Hungler, B. P. (1995). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*. 3a ed. Porto Alegre (RS): Editora Artes Médicas.
- Pope, C., Ziebland, S., & Mays, N. (2005). Analisando dados qualitativos. In C. Pope & N. Mays (Orgs.). *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde* (2 ed., pp. 87-99). Porto Alegre: Artmed.
- Prefeitura Municipal de Vitória. (s.d.). *Cidade nasceu apenas 34 anos depois da descoberta do Brasil*. Recuperado em 28 de setembro, 2013, de <<http://www.vitoria.es.gov.br/turismo.php?pagina=historiadevitoria>>.
- Prefeitura Municipal de Vitória. (s.d.). *População Residente em Vitória (ES) por Gênero e Bairros - 2010*. Recuperado em 28 de setembro, 2013, de <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/Censo_2010/Tab1_sinopse_pop.asp>.
- Sá, C. P. (1993). Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In M. J. Spink (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 19-45). São Paulo: Brasiliense.
- Sá, C. P.; Vala, J. & Möller, R. C. (1996). Memória social, representações e atribuição causal: um estudo comparativo sobre o quinto centenário de 1942. In *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (pp. 03-19). Rio de Janeiro, 48(1).
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de

Janeiro: Eduerj.

Souza, L. G. S. (2012). *Profissionais de saúde da família e representações sociais do alcoolismo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Souza, L., Wanderley, T. C., Ciscon-Evangelista, M. R., Bertollo-Nardi, M., Bonomo, M., & Barbosa, P. V. (2012). Representação social de capixaba: identidade em processo. In *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 462-471. Recuperado em 30 setembro, 2013, de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200024&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-71822012000200024>.

Trindade, Z.; Santos, M. F. S. & Almeida, A. M. O. (2011) Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In A. M. O. Almeida; M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.) *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 101-121). Brasília: Technopolitik.

Triviños, A. N. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas.

Resumen: Esta investigación objetivó investigar y analizar las representaciones socio-espaciales del barrio de Jardim da Penha de la ciudad de Vitória-ES para sus habitantes. La fundamentación teórica basilar fue la teoría de las Representaciones Sociales de Serge Moscovici, a partir de la cual derivó la concepción trabajada por Jodelet y Stanley Milgram sobre las representaciones del espacio socialmente elaboradas. Participaron de ese estudio cinco habitantes que viven en Jardim da Penha por lo menos diez años, siendo ese tiempo de residencia en el barrio el único criterio adoptado para la selección de participantes. El instrumento utilizado para la recolección de datos fue una entrevista en profundidad, realizada sobre la base de un guión dividido en tres partes: preguntas sociodemográficas, cuestionario de términos de asociación libre y cuestiones abiertas semiestructuradas. Los datos recogidos fueron tratados con análisis de contenido temático, de acuerdo con Laurence Bardin. Los resultados apuntan que las representaciones sociales de ese espacio se caracterizan por la pertenencia, los contrastes (relativos a las experiencias urbanas y al territorio político y administrativo), inseguridad y agradabilidad. Se identificó una representación social de dicho barrio como un "lugar agradable y atractivo", que funciona en el mantenimiento de la identidad grupal de los moradores, y que se ancla en las memorias de la historia del barrio. El análisis de la dimensión afectiva permitió verificar que el grupo investigado, guiado por un afecto positivo del barrio, comparte y construye simbolismos asociados al sentimiento de pertenencia de

moradores de Jardim da Penha.

Palabras-clave: representación social, representación socio-espacial, identidad social urbana